

KATHARSIS: DECLÍNIO DO DEUS DE PRÓTESES

(Edgard Carone)

Nada naquela manhã se parecia com o visto por ele até então. A diferença não estava nela em si, mas nele. Sentia-se diferente e percebia tudo de forma diversa. O peso que lhe arcava as costas tinha sumido, a culpa que o deixava em permanente estado de alerta desapareceu junto com o medo que o imobilizava e a vergonha que o obrigava a dissimular.

Até o complexo de inferioridade, companheiro antigo, sempre presente e responsável pelo comportamento agressivo de bom competidor que não deixa dúvida ao adversário da pretensa superioridade, o havia abandonado.

Estranhou também seu contentamento em apenas se entregar àquelas novidades deixando-se levar pelas respostas dadas pelo seu corpo que contrariava o costumeiro imperativo de entender a todo custo a razão das coisas.

Deixou a cama, não procurou saber as horas. Displícitamente deixou de colocar um de seus opulentos relógios que compunham sua coleção, reluzentes nos metais e pedras.

Foi ao closet, ignorou todas as camisas de casimira importadas, sempre elogiadas (ou invejadas) pelos parceiros de negócios. Escolheu uma improvável camiseta de algodão há anos esquecida e que por falta de oportunidade escapou de ser doada. O conforto experimentado lhe pareceu tão surpreendente quanto inusitado ver-se trajado de modo tão simplório.

Correu todas as gavetas e cabides (e não eram poucos) sem encontrar algo para vestir as pernas. Como era possível não encontrar nada adequado em meio àquela infinidade de

opções, acumuladas com suas frequentes visitas aos shoppings mais badalados, sempre encerradas com saldo de três ou quatro sacolas de compras, muitos pontos no cartão de crédito e o sentimento de poder que só o consumo exagerado é capaz de trazer? Mas naquele momento nada daquilo tinha valor e a escolha adequada estava jogada num canto do corredor, largada por seu filho mais velho na pressa de ir para cama na noite anterior. Tratava-se de uma velha bermuda, esgarçada, responsável por inúmeras desavenças entre pai e filho, por conta do primeiro acreditar que aquele trapo era indigno de vestir alguém advindo de uma família tão ilustre, segundo o pai, era roupa de desclassificado, de marginal.

Quanto aos sapatos, nem se preocupou, seguiu descalçado mesmo, preferiu seu próprio couro aos couros de boi, crocodilo, cobra ou toda ordem de animais que gentilmente cedem sua pele para cobrir os valiosos pés de quem é capaz de desembolsar valores substanciais e concretizar o domínio do homem sobre a natureza colocando-a literalmente sob os seus pés.

Sentiu pela primeira vez o assoalho de madeira de lei lhe acariciar a pele. Nada de mais, a vontade mesmo era de pisar na terra, mesmo correndo o risco de ver suas unhas, tão bem cuidadas nas visitas semanais ao pedicuro, cheias de poeira.

Ignorou o espelho, dessa vez não consultou tal oráculo em busca da certeza que a fortuna usada para ocultar as marcas do tempo continuava tendo efeito. Por conseguinte, aboliu o ritual de cremes, tinturas, gel de cabelo, ginástica facial de todo dia.

A caminho da rua encontrou sua atual mulher. A beleza jovial significativa na troca da antiga e fiel companheira pela menina recém chegada à idade adulta, cuja incapacidade de acompanhar uma conversa mais substancial era compensada ao despertar a cobiça dos amigos para quem a exibia como um troféu, se mostrou insuficiente e causou saudade da cumplicidade construída no relacionamento anterior.

Chegou à porta de casa. Teve dificuldade em ultrapassar todos os veículos parados a sua frente. Eram carros, motos, barcos, tanta coisa amontoada na garagem. Se um dia aqueles veículos lhe pareceram permitir chegar a qualquer lugar, naquela hora se impunham como gigantescos obstáculos a impedir seu avanço, massas de metal e plástico se interpondo entre ele e seu objetivo, o mundo.

Conseguiu se desvencilhar, um promissor horizonte se descortinou a sua frente. Sentiu uma fome absurda. Uma fome diferente, não aquela normalmente saciada na mesa digna de rei servida por seus empregados à beira da piscina ou em um dos salões de jantar que instigava o pecado do excesso, sempre cometido e depois redimido na sala de ginástica pelos exercícios torturantes ou na centena de réveillons (diga-se de passagem, comemorados com toda a pompa e estilo que a ocasião denotava, em companhia dos mais nobres, prósperos e escovados membros da sociedade), aproveitando tudo que o dinheiro pode proporcionar, nunca fora saciada. Toda a riqueza acumulada lhe impunha uma vida pobre, vazia. Seu enorme saldo positivo no banco era equivalente ao saldo negativo de vida realmente vivida.

Naquele momento alcançou a outra face das coisas, soube pela primeira vez com exatidão o que queria fazer. Mais um sentimento novo, a esperança. O despertar daquela manhã lhe dera leveza, liberdade. Dali em diante sua conduta seria outra, abandonaria os símbolos de ostentação acumulados que o envolviam como uma armadura de chumbo, negando-lhe a sensibilidade ao passo que o acorrentavam num terreno de superficialidades e efemeridades, lançar-se-ia fundo na vida, embriagar-se-ia dela, teria uma vida plena, digna de ser vivida.

Aquele momento catártico foi interrompido por sirenes e gritos. Tudo por conta de um homem vestindo um fino pijama de seda que repousava sobre uma cama king size recoberta

por lençóis de algodão egípcio. Se fosse outro dia, responderia com a fúria inerente a sua condição de macho alfa à descoberta de outro homem ocupando sua cama e usando suas roupas. Mas naquele dia não ligou, não ligou para a constatação dos cabisbaixos socorristas sobre a o estado cadavérico do homem deitado naquele leito, não ligou para o fato de ser ele próprio estendido na cama.